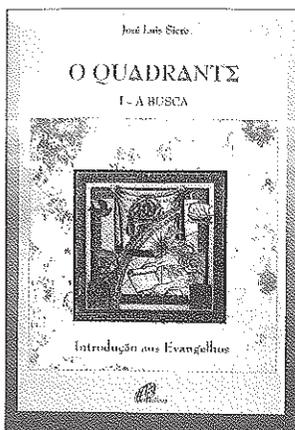


O QUADRANTE

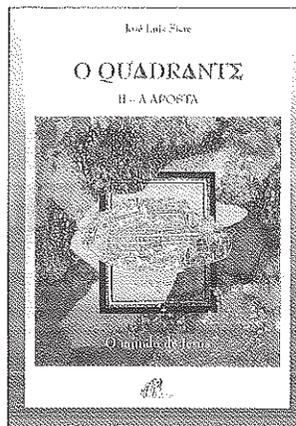
José Luis Sicre



O Quadrante é uma obra dividida em três volumes, todos construídos da mesma forma: uma viagem apaixonante através do mundo dos Evangelhos, alternada com capítulos de caráter científico, que reúnem os principais dados de que se dispõe até o momento para aprofundar o estudo de cada um dos evangelistas.

A viagem é conduzida por Andrônico, um cristão da Ásia Menor, nascido no ano 58, o quarto do reinado de Nero. Esse personagem, a quem "as respostas vagas não satisfazem", resolve conhecer o Evangelho quando encontra no texto de Marcos um fato estranho: uma referência ao quadrante, nome de uma moeda usada apenas em Roma e não na Judéia, onde vivia Jesus.

• O primeiro volume, *A busca - Introdução aos Evangelhos*, descreve o processo de formação dos três primeiros evangelistas, Marcos, Mateus e Lucas, de modo a ampliar a compreensão do significado Evangelho e dos principais problemas que sua leitura suscita aos cristãos na passagem do novo milênio.



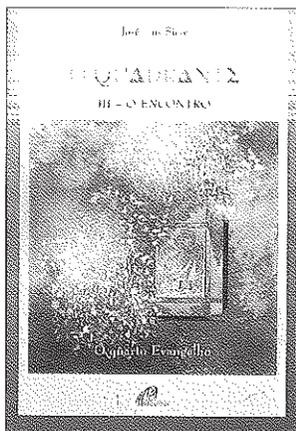
• O segundo volume, *A aposta*, tem por tema o mundo de Jesus e contém dados que envolvem desde geografia, história e contexto social até a resposta de Jesus a seus contemporâneos. Por meio do personagem principal, agora já casado com filhos, o autor discute uma questão que não caberia em nenhum estudo científico:

José Luis Sicre, nascido em 1940, na Espanha, licenciou-se em Filosofia e dedicou sua pesquisa científica ao estudo dos profetas. Atualmente é doutor em Sagrada Escritura e leciona na Faculdade de Teologia da Universidade de Granada e no Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

co: o contraste entre conhecer o Evangelho e viver o Evangelho.

• No terceiro volume, *O encontro*, Andrônico descobre o Evangelho de João, o mais polêmico e debatido de todos os evangelhos canônicos. É o final da aventura desse personagem que, segundo suas próprias palavras:

É uma aventura intelectual, que terminou convertendo-se em aventura espiritual. A história de minha vida e de minha época só interessa enquanto se refere à história de uma busca, de uma aposta e de um encontro.



José Luis SICRE: *O quadrante* (3 volumes. São Paulo: Paulinas, 1999)

Pedro Lima Vasconcellos

José Luis Sicre é um autor bem conhecido entre nós, graças principalmente a seus estudos sobre a profecia, alguns deles traduzidos para o português. Daí a surpresa ao nos depararmos com essa obra, uma extensa introdução aos evangelhos: no primeiro volume são considerados os evangelhos sinóticos, no segundo temos um passeio pela terra de Jesus, e o terceiro nos introduz ao evangelho segundo João. O título, que pode estranhar a algum desavisado, refere-se à moeda oferecida pela viúva de Mc 12,41-44, que despertou a curiosidade do personagem-guia, Andrônico, que se verá motivado a conhecer o mundo em que os evangelhos surgiram. Sim, porque a obra se desenvolve num tom inusitado: capítulos narrativos, em que são narradas as peripécias de Andrônico, um cristão fictício que teria vivido na segunda metade do século I, se alternam com capítulos de cunho mais científico, em que se procura fundamentar as posições adotadas na narrativa.

Dizia um professor que se numa arguição alguém começar sua crítica pelos elogios, pode-se esperar adiante pelo pior. Daí que começo pelo mais frágil, para depois chegar ao que considero os valores da obra. E a fragilidade reside exatamente nos capítulos mais científicos, que embasam toda a narrativa. As posições assumidas no tocante à formação dos evangelhos sinóticos estão, muitas vezes, ultrapassadas no campo da pesquisa. Dificilmente se mantém hoje que a escrita do evangelho segundo Marcos dependa da pregação de Pedro, ou ainda que o referido evangelho possa ser de responsabilidade de uma única pessoa, e que esta tenha sido exatamente Marcos, o mencionado em At 12. Estas últimas observações valem para os demais evangelhos (por exemplo: a obra lucana é mesmo devida a um discípulo direto de Paulo?). Sicre recolhe os diversos testemunhos da Patrística relativos aos autores dos evangelhos, como que para reforçar suas opções na parte narrativa. Há muito tempo já se vem reconhecendo que os evangelhos são fundamentalmente anônimos.

Essas observações não são de menor importância. Sicre praticamente ignora os estudos da *Formgeschichte* e da *Redaktionsgeschichte*, que, cada uma a seu modo, destacaram o processo de redação dos evangelhos, fruto de uma história complexa,

extensa. Eles se explicam muito mais pela história anônima das primeiras comunidades seguidoras de Jesus, e pelas circunstâncias variadas em que cada uma delas viveu, que pelas intenções e objetivos de alguns personagens individuais. Certamente Sicre não desconhece isso (como prova o capítulo 13 do volume I), mas sua ênfase nos personagens supostamente autores os superdimensiona, pondo a história das comunidades em segundo plano. Isso fica salientado também pelo fato de que, se no conjunto da obra temos um momento para conhecer a terra em que Jesus viveu (o segundo volume), não temos a oportunidade, a não ser em alguns momentos, e de relance, de conhecer as terras e regiões em que, mesmo supostamente, teriam sido escritos os evangelhos. E muito menos temos indicações extensas sobre as diversas facetas do desenvolvimento das comunidades seguidoras de Jesus. O resultado é que haja a tendência em identificar o tempo de Jesus com o da redação dos evangelhos, como se entre eles não houvesse acontecido um complexo processo de transmissão oral e escrita, de que os evangelhos são resultado. Isso possibilita a Sicre, por exemplo, apresentar os bem-aventurados de Mateus como os destinatários diretos da proclamação de Jesus (volume II, p.318), sem considerar que o relato mateano é fruto de um longo processo redacional.

Algumas posições merecem um estranhamento maior, pelo menos desde aqui, a empobrecida América Latina, e da parte de quem já tenha lido os escritos de Sicre sobre as questões sociais nos livros proféticos. A leitura das bem-aventuranças em Mateus é, no mínimo, espiritualizante ao extremo, a ponto de o autor precisar oferecer delas uma tradução muito distante do original grego, que justifique sua interpretação. Cite-se, a propósito, a passagem da p.148 do volume I, relativa a Mt 5.6: "a palavra 'justiça' pode fazer-nos pensar em justiça social. No entanto, o termo que o Evangelho usa tem uma conotação diferente, e poderíamos traduzir: 'bem-aventurados os que têm fome e sede de serem fiéis a Deus, de cumprirem a vontade de Deus'". Não é possível concordar: traduzir "justiça" por "vontade de Deus" é, no mínimo, retirar daquela sua especificidade. E por que não pensar que em Mateus "justiça" possa se referir também à justiça social se, por exemplo, em Mt 20, aquele patrão da parábola (que não freqüentava reuniões da Alca nem queria destruir os direitos trabalhistas...), ao pagar igualmente a quem tinha trabalhado desigualmente, o fez porque prometeu pagar "o que for justo" (Mt 20,4)? Por que não ler com atenção Mt 25,31,46, que chama justos àqueles que deram de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, que se solidarizaram com os doentes, nus e encarcerados?

Irrita também a insistência com que Sicre busca convencer que a obra lucana seria desprovida de preocupações de cunho social. Ou pior, ela desestimularia a que

se pensasse em Jesus articulado ao enfrentamento dos problemas sociais e políticos. Justamente a obra em que a temática ricos versus pobres aparece de maneira mais acentuada. Mas, como Sicre faz Lucas dizer, "O que quero é preparar uma armadilha para o leitor. Que crie grandes ilusões a propósito de Jesus, até políticas, pensando que ele vai trazer solução para todo tipo de problemas. E que logo, pouco a pouco, vá surpreendendo-se ao perceber que Jesus não faz nada disso. Quando ele morre crucificado, o leitor deve sentir a mesma desilusão que os discípulos de Emaús. Deve ter desejos de mandar tudo às favas, de pular do barco que naufraga. E então se encontrará de novo com Jesus e voltará entusiasmado a Jerusalém. Porém sabendo que Jesus não salva de romanos nem resolve problemas materiais" (p.189). O estrago que uma passagem como essa pode fazer no contexto em que vivemos não se mede. E depois disso nem as palavras da pp.238-239, até porque ambíguas, são capazes de salvar. Repito: considerações como essas assustam em Sicre, autor muito sensível a esse tipo de questões em suas obras sobre a profecia. Ou terá ele uma chave de leitura emprestada a Marcião, o líder do século II, que opunha de forma irreconciliável Escritura judaica e Novo Testamento?

O segundo volume da tríade é o melhor de todos. Ele nos conduz, sempre através da saga de Andrônico, a percorrer a terra em que Jesus viveu. Também nos oferece uma exposição sobre a presença de Jesus e sua resposta aos desafios que se colocavam no seu contexto. Sempre alternada a capítulos narrativos, temos uma apresentação da obra de Flávio Josefo, reconhecidamente indispensáveis para a compreensão do momento, depois uma apresentação da geografia de Israel. Em seguida um apanhado histórico, que chega até o tempo de Jesus, quando se apresentam as formas do domínio romano e da resistência comandada por sicários e zelotas.

A segunda parte deste volume nos coloca em contato com as festas e orações do Israel do tempo de Jesus. Talvez Sicre nos apresente mais do que efetivamente podemos saber, pois as fontes disponíveis reproduzem mais fidedignamente os modos e práticas do judaísmo posterior à grande catástrofe de 70 (a destruição de Israel e de Jerusalém pelos romanos), e o que disso pode ser aplicado ao período anterior é bastante discutível. Infelizmente não ficamos sabendo das práticas religiosas populares ou não-oficiais, indispensáveis para a compreensão de passagens dos evangelhos, os exorcismos por exemplo.

A terceira parte nos apresenta os grupos organizados em Israel no tempo de Jesus. Sobre os essênios, o autor segue a proposta da escola de Groningen (Holanda), que não simplesmente os identifica com os habitantes de Qumran nem os dissocia totalmente destes. Depois somos apresentados aos fariseus e saduceus, inimigos

declarados uns dos outros. A quarta parte nos apresenta "o povo", formado pela classe governante (a corte, o sumo sacerdote, os sacerdotes dirigentes, os "sumos sacerdotes", a nobreza leiga e as autoridades menores), a classe dos subalternos (os escribas, os militares, os publicanos, os administradores), a classe sacerdotal (os simples sacerdotes, os levitas) e, separadas das anteriores por um abismo intransponível, as classes dos camponeses, dos artesãos, as impuras (por origem ou por profissão) e as da gente desprezível. Quadro expressivo, inspirado em Lenski e Crossan, entre outros. É nesse quadro que Sierc apresenta Jesus, e a resposta que deu aos seus contemporâneos, baseada na esperança judaica pelo Reino de Deus.

O terceiro volume, como o próprio autor salienta, intitulado "o encontro", "quer ser um comentário simples, acessível, ao quarto evangelho". Efetivamente, o que lemos é uma desprentensiva meditação, na maioria das vezes em forma de diálogo, sobre quase todo o evangelho. Os capítulos de cunho científico mostram que o autor se serve de autores reconhecidos, como Raymond Brown e Senén Vidal, seguindo a este mais de perto.

Até agora uma apresentação do conjunto, entremeada a críticas a pontos específicos. Mas a grande novidade é para ser destacada aqui, no termo dessa resenha: o estilo do livro, o seu gênero literário. Este é o grande achado da obra. Nela os capítulos científicos são adendos, apêndice para a narrativa fictícia protagonizada por Andrônico. Embora o ambiente deste seja de alguma forma o dos setores privilegiados do ponto de vista social (e, portanto, o "povão", aquela gente que, segundo 1 Cor 1,26-29, terá composto a esmagadora maioria das comunidades, apareça apenas esporadicamente), o retrato que temos do mundo que viu surgirem Jesus e os evangelhos é para lá de interessante. Um objetivo do livro, que terá sido alcançado, é justamente o de dar aos evangelhos e aos seus contornos redacionais um tom coloquial surgidos que foram da vida cotidiana e dos desafios de conferir-lhe sentido a partir das memórias de Jesus de Nazaré. Uma atenção maior às pesquisas de cunho sociológico e antropológico que têm sido aplicadas aos evangelhos teria dado maior densidade ao resultado final, matizando algumas de suas conclusões mais questionáveis, e conferindo maior realismo a algumas de suas afirmações. O que não torna dispensável a leitura desta obra original e estimulante. Muito pelo contrário.

Pedro Lima Vasconcellos é Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP e Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da mesma universidade.

A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E PODER

TELEMARKETING
0800-7010081

A obra *Ética do poder: uma abordagem teológica* trata de uma questão atual e que tem gerado muita polêmica em todas as esferas das relações humanas: o exercício do poder. Ela traz consigo preciosos elementos para o debate entre fé e política.

Pierre Debergé mostra que Jesus questiona o exercício do poder-domínio que escraviza e oprime, enquanto ele próprio exerce e legitima outro tipo de poder: o poder-serviço.

A cruz é o lugar em que Jesus salva o poder da perversão e abre para a humanidade o caminho de um poder que se torna serviço. Dois capítulos são dedicados à análise do poder da Igreja e na Igreja, que nem sempre é fiel aos ensinamentos de Jesus. Apesar disso, poder e cruz continuam sendo dois aspectos indissociáveis do exercício cristão do poder.

